



FOLHA INFORMATIVA N° 30-2011

FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

PÓVOA DE ST^a. IRIA

Esta festa religiosa anual realizou-se no primeiro fim-de-semana de Setembro. Foram quatro dias de animação, a que ocorreu não só a população da cidade como a de todas as povoações que a rodeiam.

O primeiro dia dos festejos deste ano, comprometido devido ao mau tempo, viu o recinto alagado pelas fortes chuvadas que caíram, tendo algumas das actividades constantes do programa sido adiadas. Apesar disso, e dentro das possibilidades, o programa foi cumprido.

A Junta de Freguesia da Póvoa tentou compensar a população permitindo que na 2^a.feira, dia 5 de Setembro de 2011, a Festa continuasse, transferindo para esse dia as actividades que haviam sido prejudicadas e que estavam agendadas para o primeiro dia.

O começo das Festas deu-se com o hastear da bandeira nacional na Junta de Freguesia, mas foi à tarde que se procedeu à sua abertura oficial.

O entusiasmo da população esteve patente na grande afluência verificada não só na altura da inauguração como em todos os dias, e mais presenças se teriam verificado se as condições do tempo tivessem sido melhores.

Dado não existir outro local propício a este tipo de Festa Popular, a Autarquia podia proporcionar aos habitantes - e não só -, condições mais adequadas, como por exemplo o alisamento do terreno, dado que este não é só pisado por jovens, mas também por pessoas mais velhas e principalmente por deficientes, que muitas vezes em cadeiras de rodas fazem um grande esforço para a sua locomoção.

O direito à diversão é de todos, mas há que prevenir situações de risco, não só para os que pisam aquele terreno cheio de gravilha e pedra, sujeitos a desequilíbrios, como para os incapacitados fisicamente para pisar aquele tipo de terreno.

Apesar das condições existentes, para os feirantes e restantes trabalhadores, há que melhorá-las não só em termos de higiene e segurança, como em espaços definidos para a apresentação dos seus *stands*.

Ficaria bem existir um espaço definido para a restauração, para divertimentos, e dentro destes mais palcos, para que se pudessem exhibir ao mesmo tempo artistas não só desta cidade, como convidados, dando assim aos visitantes a possibilidade de escolha, dentro do programa.

Pode melhorar-se, criando espaços para primeiros socorros. Podem reservar-se lugares para estacionamento de veículos sem que estes estejam enterrados na lama, como foi o caso. Podem criar-se lugares para os Bombeiros e Forças Policiais. Pode enfim criar-se uma estrutura onde a população se sinta atraída não só pela Festa, como pelo local onde esta se desenrola.

De tudo o que lhe é peculiar e tão positivo nesta Festa, destacamos a sardinha assada com pão e vinho, o fado, a tourada, a largada de touros, o folclore, o baile popular, as danças de salão, as sevilhanas, a exibição de modalidades desportivas, o cortejo equestre, a actuação de um grupo de bombos e as exposições. Dentre tantos motivos de interesse, alguns pontos se destacaram especialmente nestas comemorações, como a homenagem prestada aos ex-membros da Comissão de Festas, concretizada na Capela da Bolonha.



Visitámos a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, templo de nave única com o interior revestido de azulejos azuis e brancos. Estes formam painéis alusivos à vida da virgem, e ainda a passagens da vida de Cristo, com motivos relacionados com os instrumentos do seu martírio (azulejos de Teotónio dos Santos). Em 1851 a Igreja sofreu obras de ampliação e inseriu-se no corpo da torre sineira a capela tumular dos Marqueses de Abrantes.

Embora modesto, este templo construído no século XVIII é de grande beleza. Após três décadas de abandono, foi restaurado, ficando o seu restauro a cargo da Fundação Ricardo Espírito Santo, apresentando hoje azulejos esponjados Viúva Lamego e talha dourada. Trata-se sem dúvida de um trabalho notável, nele se envolvendo várias entidades, fiéis e benfeitores desta cidade.





Participámos na procissão. Esta abriu com estandartes religiosos, seguida do andor de Nossa Senhora da Piedade, que em vez do tradicional transporte em ombros foi levada em carro aberto.

Muitos fiéis integraram o cortejo, seguindo-se-lhes o Pálio, sob o qual, com toda a solenidade, o Pároco da Igreja de Nossa Senhora de Fátima expunha um Crucifixo, símbolo da presença divina, Sua Paixão e Morte.

Mais atrás, ao som da música, a Banda acompanhava os cânticos religiosos entoados por todos quantos ao longo do percurso se foram juntando a este acto.

Percorridas as principais avenidas da cidade, a procissão recolheu à Igreja de Nossa Senhora de Fátima, na zona mais antiga da Póvoa de Santa Iria.

Merece especial destaque para a cultura Avieira a *bênção dos barcos* – Avieiros e todos os outros -, realizada na noite do terceiro dia da Festa, junto ao cais seiscentista da Póvoa de St^a. Iria, onde dezenas de embarcações, enfeitadas com festões e luzes, contrastavam com o negro da noite do cais. Repararam os inúmeros assistentes que faltavam focos de luzes dirigidos ao rio, para que de terra se pudesse seguir a extraordinária cerimónia religiosa que se desenrolava no meio do rio Tejo.





Nossa Senhora da Piedade, com Seu Filho morto em seu regaço, símbolo da religiosidade deste povo ribeirinho, encimava a proa de uma das embarcações, onde o Sr. Padre tomou o seu lugar a bordo, dando assim início a esta Festa tradicional do Tejo.



De cânticos e preces à Virgem se encheu aquela noite, onde o rio tão calmo saboreou os momentos de devoção. O som das sirenes acompanhou a procissão das embarcações engalanadas.

Já todas em redor do barco que transportava a imagem de Nossa Senhora, no meio do rio, foram benzidas uma a uma, recebendo das mãos do Sr. Padre uma medalha, simbolizando e coroando o árduo trabalho desenvolvido e reconhecido ao longo de um ano.

Ao recebê-las, todos os anos, beijam-nas e apertam-nas contra o peito em sinal de agradecimento à sua Virgem Protectora, Mãe a quem recorrem quando a angústia e o desalento lhes aperta o coração, em nome de uma fé e religiosidade popular de arraigadas tradições.



É extraordinária esta manifestação religiosa, arraigada numa cultura própria que este povo transmite com uma vivência tão rica, embora os seus gestos, as suas expressões, o seu falar, o seu vestir e tudo o que ostentam seja tão simples e tão natural!

Aproveitámos a nossa estadia junto da comunidade para falar com pescadores Avieiros da Póvoa de Sta. Iria e registámos a sua mágoa por terem sido transferidos de um sítio onde habitavam, junto ao rio Tejo, para um meio que não é o seu, onde já não sentem o seu dia-a-

dia como outrora, no tempo em que nas suas casas suspensas e o seu viver fazia sentido. Neste momento sentem a destruição do seu mundo, dos seus sonhos e do seu “canto”.

Hoje, vivem... “acolá”, apontando o bairro que não queriam, mas onde têm de viver. Os destroços ficaram junto ao rio, que vai murmurando a sua imensa saudade pelos que dali foram retirados.

O projecto de candidatura da cultura Avieira a património nacional pode reunir condições para reconstruir e não deixar morrer todo este património, devolvendo ao rio e aos seus habitantes a dignidade perdida, fazendo chegar ao mundo, ao mesmo tempo, o conhecimento de toda esta riqueza e sabedoria popular, expressa nas artes, na construção de embarcações, no folclore, na gastronomia e na edificação das suas casas.

É muito difícil avaliar os sentimentos de todos aqueles pescadores, ao verem-se confrontados com a destruição de tudo que fez parte - e sempre fará -, do seu ser, do seu viver e do seu sentir.

A Fé de toda esta população ainda não pereceu perante tanta adversidade, na esperança de ver renascer tudo o que foi seu, e que dentro desta perspectiva também pertence a todos nós, integrado no nosso património nacional.

Texto e fotografias:

Helena Maria Pereira e

Maria Alexandra Almeida Ferro

(colaboradoras do projecto e habitantes na Póvoa de Santa Iria)

